

ANA PAULA LOUREIRO  
CONCEIÇÃO CARAPINHA  
CORNELIA PLAG  
(COORDS.)

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

# MARCADORES DISCURSIVOS E(M) TRADUÇÃO

# O MARCADOR DISCURSIVO ‘SIM’ EM PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO: CONTRIBUTOS PARA A SUA TRADUÇÃO EM INGLÊS

Sara Sousa

(Universidade de Coimbra – CELGA-ILTEC)

sarasousa@uc.pt

**Resumo:** Neste trabalho, pretendemos descrever o funcionamento semântico-pragmático do marcador discursivo ‘sim’ em Português Europeu Contemporâneo e analisar o modo como esta unidade pode ser traduzida em Inglês. Recorrendo à análise de *corpora*, verificamos que, a par dos seus usos enquanto advérbio ou nome que expressa afirmação, consentimento e outros valores afins, ‘sim’ pode também constituir-se, nalguns contextos, como um marcador ou conector discursivo que assinala a existência de uma relação de retificação entre o segmento discursivo em que ocorre e o segmento, de valor refutativo, que o precede. Mais concretamente, ‘sim’ assinala a existência de um contraste de polaridade entre o segmento refutativo, que contém tipicamente uma negação sintática, e o segmento retificativo, indiciando, assim, que é este último que deve ser retido. Tanto quanto nos foi possível verificar, não parece haver, em Inglês, nenhum marcador que permita traduzir ‘sim’ em construções refutativo-retificativas deste tipo. Neste contexto, o recurso a uma construção clivada acompanhada do verbo auxiliar (de valor enfático) *to do* ou a utilização de uma construção de coordenação do tipo *not p... but q...* parecem ser as opções preferenciais dos tradutores/intérpretes para manter o valor refutativo-retificativo das construções em que ocorre o marcador em análise.

**Palavras-chave:** Marcador discursivo / tradução / refutação / retificação

**Abstract:** The aim of this paper is to characterise, from a semantic-pragmatic perspective, the discourse connective ‘sim’ in contemporary European Portuguese, and to analyse its translation into English. Based on data taken from *corpora*, it may be concluded that ‘sim’ occurs not only as an adverb or a noun, expressing confirmation, assent and other related values, but also as a discourse marker that encodes a rectification/correction relation that holds between the text span where it occurs and the previous one. More specifically, ‘sim’ signals the existence of a polarity contrast between the denial text span that precedes it (prototypically, this text span includes a syntactic negation), and the corrective text span where it occurs, reinforcing the preferential value of the latter. As far as we are aware, no equivalent exists in English of a discourse marker to which we may translate ‘sim’ in this type of denial-correction constructions. In this context, a cleft sentence including the emphatic auxiliary *to do* or a coordination construction of the form *not p... but q...* appears to be the preferred way to translate the denial-correction meaning of the constructions in which ‘sim’ occurs.

**Keywords:** Discourse marker / translation / denial / rectification

## 1. Introdução

Nos dicionários de referência, ‘sim’ é geralmente apresentado como um advérbio ou nome que expressa afirmação, aprovação, consentimento e outros valores afins.

Em contextos deste tipo, a sua tradução pela forma *yes* em Inglês não parece oferecer quaisquer dificuldades, tal como se ilustra nas sequências seguintes, retiradas do *corpus* EUROPARL (*European Parliament Proceedings Paralell Corpus*), que reúne as transcrições, em 11 línguas, dos debates que tiveram lugar no Parlamento Europeu no período de 1996 a 2011.

- (1) a. Quanto à outra questão que levantou, a resposta é *sim*.  
(EUROPARL, ep-00-03-15.txt)

**b.** As for the other question you have raised, the answer is *yes*. (EUROPARL, ep-00-03-15.txt)

**(2) a.** Seria muito difícil aos defensores do '*sim*' a um futuro tratado obter o apoio dos Irlandeses [...]. (EUROPARL, ep-00-02-5.txt)

**b.** It would be very difficult for those who propose a '*yes*' vote in any such futur treaty to win the support of the Irish people [...]. (EUROPARL, ep-00-02-5.txt)

Todavia, o mesmo já não acontece quando '*sim*' ocorre como um marcador/conector discursivo, em construções refutativo-retificativas como as seguintes:

**(3) a.** Se a União Europeia quer efectivamente dar passos emblemáticos nesta matéria, o caminho a seguir é outro: é o de incluir no elenco dos textos internacionais de referência, no artigo 6º do Tratado da União, todos os pactos e convenções sobre matéria de direitos humanos já actualmente ratificados pelos Quinze Estados membros, assim os inscrevendo claramente no acervo comunitário. Isso, *sim*, é que seria um avanço. Esta Carta é uma falsa resposta a uma pergunta inexistente [...]. (EUROPARL, ep-00-03-14.txt)

**b.** If the EU really does want to take symbolic steps in this field, it needs to go down a different path. That would involve including all human rights agreements and conventions already ratified by the 15 Member States in the list of international texts referred to in Article 6 of the Treaty on European Union. This would ensure that they were clearly incorporated into the *acquis communautaire*. That would be

a *real* step forward. This charter is the wrong answer to a problem that does not even exist [...]. (EUROPARL, ep-00-03-14.txt)

(4) a. Na minha opinião, as contradições nem são assim tão graves em termos de políticas comunitárias; são mais graves, *sim*, no que diz respeito a certos objectivos e indústrias de alguns Estados Membros. (EUROPARL, ep-00-02-16.txt)

b. In my opinion, these contradictions are not all that serious in terms of Community policies. They are, *if anything*, more serious as regards certain objectives and industries in some Member States. (EUROPARL, ep-00-02-16.txt)

Como se pode constatar pela comparação de (3-b) e (4-b), a tradução de ‘sim’ em sequências deste tipo parece ser algo problemática: enquanto, em (3-b), a opção pelo adjetivo *real* parece respeitar o sentido global do discurso a traduzir,<sup>1</sup> em (4-b), a seleção da expressão *if anything* não só não traduz de forma adequada o valor de ‘sim’, como altera profundamente o sentido do discurso de partida.

Tendo por base o *corpus* EUROPARL, do qual foram retirados os exemplos anteriores, procuraremos, na exposição que se segue, apresentar algumas das opções que nos parecem adequadas à tradução de ‘sim’ e ao sentido das sequências em que ocorre, partindo de uma breve descrição do seu valor semântico-pragmático e do seu funcionamento discursivo.

---

<sup>1</sup> O facto de, nesta sequência, a tradução de ‘sim’ não ser problemática poderá dever-se ao facto de o segmento em que ocorre o marcador retomar anaforicamente, em jeito de síntese, o que é dito no segmento anterior, onde o locutor apresenta o caminho que, no seu entender, deve ser seguido, por oposição a outros cuja validade rejeita. Deste modo, o sentido do marcador torna-se mais claro e pode ser antecipado, o que parece facilitar a sua tradução.

## 1. O marcador discursivo ‘sim’

Em Português Europeu Contemporâneo, o marcador discursivo de origem adverbial ‘sim’ ocorre tipicamente em posição pós-verbal, em construções de justaposição do tipo *não p || sim q*.

Vejam-se os exemplos seguintes, retirados dos *Diários da Assembleia da República* (doravante, DAR) e do *Corpus de Referência do Português Europeu Contemporâneo* (doravante, CRPC):

- (5) Em primeiro lugar, não estamos perante propostas que apenas concretizam os cortes salariais impostos pelo Orçamento do Estado, estamos, *sim*, perante propostas que impõem novas e acrescidas reduções remuneratórias aos magistrados, de forma permanente e definitiva [...]. (DAR, I Série, XI Legislatura, N.º 38, p. 62)
- (6) Falar do primado da educação e da formação não constitui uma moda, constitui, *sim*, uma exigência do Estado social e uma resposta às ilusões neoliberais [...]. (CRPC, COD\_1015452).

Em ambos os exemplos, temos, em *não p*, a refutação do que foi dito ou implicado por um outro locutor e, em *sim q*, a apresentação da alternativa considerada mais adequada para substituir o(s) constituinte(s) alvo de refutação no segmento anterior. *Não p* terá, assim, uma função refutativa e *sim q* terá uma função retificativa.

Em Sousa (2014), a refutação é definida como a relação, de ordem pragmática, que se estabelece entre um determinado enunciado, da responsabilidade de um locutor A, cuja função é rejeitar um outro enunciado, e o enunciado, da responsabilidade de um locutor B,

que é alvo de refutação.<sup>2</sup> Este último pode ser um enunciado real ou um enunciado meramente plausível num determinado contexto enunciativo.<sup>3</sup>

O enunciado que desempenha esta função refutativa é tipicamente materializado por uma negação metalinguística (Ducrot, 1972/1973; Horn, 1989), que se caracteriza justamente por ter no seu escopo um enunciado e não uma proposição, tendo por função a sua refutação e não a mera descrição de uma situação. Enunciados deste tipo ocorrem tipicamente em contextos dialogais e em interações de natureza polémica, como é o caso dos debates parlamentares.<sup>4</sup>

Um enunciado de carácter refutativo é tipicamente seguido de uma continuação discursiva que estabelece com este e com o enunciado alvo de refutação uma relação de retificação. Neste segmento, é apresentado, pelo locutor B, o elemento considerado mais adequado para substituir aquele que é alvo de refutação. Este segmento constitui-se igualmente como uma justificação da refutação levada a cabo, mitigando, desta forma, o carácter ameaçador de face que caracteriza este ato discursivo.

Neste contexto, o marcador 'sim', evidenciando o contraste de polaridade existente entre os segmentos que conecta, permite não só facilitar a computação da relação de retificação que entre eles se estabelece, mas igualmente evidenciar que o segmento em que ocorre é aquele que deve ser retido.

---

<sup>2</sup> Sobre esta relação, vejam-se, entre outros, Moeschler (1982), van der Sandt (1991; van der Sandt & Maier, 2003), Geurts (1998) e Asher & Lascarides (2003).

<sup>3</sup> A análise da refutação de enunciados não materializados na superfície textual convoca necessariamente a noção de *polifonia*: o locutor antecipa mentalmente um determinado enunciado, da responsabilidade de uma outra instância enunciativa, rejeitando-o e apresentando a alternativa considerada mais adequada para o substituir. Sobre esta noção, veja-se Ducrot (1984).

<sup>4</sup> Sobre a orientação tipicamente antagónica do Discurso Político Parlamentar, vejam-se, entre outros, Srikant & Slembrouck (1997) e Marques (2000).

De facto, constituindo-se como um marcador/conector discursivo (de origem adverbial)<sup>5</sup> que articula parataticamente dois enunciados, ‘sim’ não contribui para o valor de verdade das sequências em que ocorre e não é necessário à sua boa formação,<sup>6</sup> tal como se evidencia nas seguintes paráfrases de (5) e (6):

(5’) Em primeiro lugar, não estamos perante propostas que apenas concretizam os cortes salariais impostos pelo Orçamento do Estado, estamos perante propostas que impõem novas e acrescidas reduções remuneratórias aos magistrados, de forma permanente e definitiva [...]. (DAR, I Série, XI Legislatura, N.º 38, p. 62)

(6’) Falar do primado da educação e da formação não constitui uma moda, constitui uma exigência do Estado social e uma resposta às ilusões neoliberais [...]. (CRPC, COD\_1015452)

No entanto, embora não contribuindo para o valor de verdade destas sequências, ‘sim’ fornece instruções acerca do seu processamento, constituindo-se, assim, como um elemento fundamental cujo valor semântico-pragmático não pode ser descurado no contexto da tradução.

---

<sup>5</sup> Sobre as diferentes abordagens relativamente ao conceito de marcador discursivo e à sua delimitação, vejam-se, entre outros, Fisher (2006) e Lopes (2016).

<sup>6</sup> Indícios do seu caráter periférico, em termos sintáticos, nas sequências em análise é o facto de esta unidade surgir tipicamente como um constituinte prosódico, separado por pausas à esquerda e à direita (assinaladas, na escrita, por vírgulas), sendo igualmente o produto resultante da conexão dos segmentos *não p* e *sim q* de natureza textual e não frásica.

## 2. A tradução do marcador ‘sim’ em Inglês

Tal como foi referido anteriormente, não parece haver, em Inglês, um marcador que possa constituir uma tradução direta de ‘sim’ nas construções em análise. Por essa razão, e tendo em conta as limitações que enformam a interpretação simultânea – nomeadamente, o reduzido intervalo temporal em que esta tem de ser realizada –, facilmente se compreende as dificuldades existentes sempre que esta unidade ocorre em contextos deste tipo (cf. (4)).

No entanto, pese embora os problemas enunciados, no *corpus* EUROPARL encontrámos dois tipos de construções sintáticas que parecem permitir contornar os problemas colocados pela ocorrência desta unidade, mantendo não só o valor refutativo-retificativo das sequências em que esta ocorre, mas igualmente evidenciando que é o que se assere no segmento retificativo que deve ser retido em termos discursivos.

Vejam-se os exemplos seguintes:

(7) a. Em Lisboa, depois dos processos do Luxemburgo, de Cardiff e de Colónia, não queremos lançar um novo processo. Queremos, *sim*, que se criem as condições para, em primeiro lugar, articular, simplificar e aprofundar os três processos existentes [...]. (EUROPARL, ep-00-03-13.txt)

b. We do not intend to launch a new process in Lisbon as a successor to the Luxembourg, Cardiff and Cologne processes. What we do want is to establish new conditions so that we can first of all coordinate, simplify and strengthen the three existing processes [...]. (EUROPARL, ep-00-03-13.txt)

(8) a. A discussão no âmbito dos Governos das propostas legislativas não é do domínio público, é, *sim*, do domínio público

o resultado dessas propostas legislativas [...]. (EUROPARL, ep-00-03-15.txt)

**b.** Discussion of legislative proposals within the government is not in the public domain, but the result of these legislative proposals is in the public domain [...]. (EUROPARL, ep-00-03-15.txt)

Em (7-b), o tradutor recorre a uma construção de clivagem, acompanhada do verbo auxiliar de valor enfático *to do*, para traduzir o valor retificativo do enunciado em que ocorre ‘sim’ no discurso de partida, evidenciando, pelo caráter focalizador deste tipo de construções,<sup>7</sup> que o que se pretende não é “lançar um novo processo”, mas sim “[criar] as condições para, em primeiro lugar, articular, simplificar e aprofundar os três processos existentes”.

Em (8-b), o tradutor transforma a estrutura de justaposição que ocorre no discurso de partida numa construção de coordenação do tipo *not p... but q....*, que permite igualmente, como tem sido consensual desde o trabalho seminal de Anscombe & Ducrot (1977) a propósito dos diferentes usos de ‘mas’, manter o seu valor refutativo-retificativo e evidenciar que é o que se assere em *but p* que deve ser retido para efeitos discursivos.

Estas construções, cujo valor refutativo-retificativo tem vindo a ser descrito particularmente no âmbito dos estudos sobre a marcação do chamado foco contrastivo,<sup>8</sup> parecem, assim, constituir uma opção preferencial para a tradução das sequências do tipo *não p || sim q* em análise.

---

<sup>7</sup> Sobre o valor semântico-pragmático das construções de clivagem, vejam-se, entre outros, Horn (1981), Hedberg (1990), Bosch & van der Sand, eds. (1999), Molnár & Winkler, eds. (2006) e Sousa (2014).

<sup>8</sup> Cf. nota anterior.

Todavia, é igualmente de notar que, tendo em conta a estrutura sintática do discurso de partida, nem sempre o recurso a uma construção de clivagem ou a uma estrutura de coordenação do tipo em análise seriam aceitáveis, tal como se ilustra em (4'-b) e (4'-c):

(4') a. Na minha opinião, as contradições nem são assim tão graves em termos de políticas comunitárias; são mais graves, *sim*, no que diz respeito a certos objectivos e indústrias de alguns Estados Membros. (EUROPARL, ep-00-02-16.txt)

b.?? In my opinion, these contradictions are not all that serious in terms of Community policies, but more serious as regards certain objectives and industries in some Member States. (EUROPARL, ep-00-02-16.txt)

c. In my opinion, these contradictions are not all that serious in terms of Community policies. \* What they are is more serious as regards certain objectives and industries in some Member States. (EUROPARL, ep-00-02-16.txt)

Em contextos deste tipo, e na ausência de uma melhor alternativa, parece-nos que a omissão, por parte do tradutor/intérprete, do marcador em análise seria uma melhor opção comparativamente à sua tradução com recurso a outras expressões que, nalguns casos (cf. (4.b), desvirtuam claramente o sentido do discurso de partida.

## Conclusões

Em Português Europeu Contemporâneo, 'sim' pode ocorrer como um marcador/conector discursivo, em construções de valor refutativo-retificativo do tipo *não p* || *sim q*. Neste contexto, em que este

marcador permite evidenciar o contraste de polaridade existente entre os segmentos que conecta, reforçando, assim, o valor retificativo do segmento em que ocorre, não há, em Inglês, uma unidade que permita traduzi-lo diretamente.

Esta ausência de uma tradução direta, bastante frequente, aliás, no âmbito da tradução de marcadores discursivos, acarreta várias dificuldades que, nalguns casos, dão origem a traduções que se afastam do sentido global do discurso de partida, o que, naturalmente, poderá constituir um problema a vários níveis.

Não havendo uma tradução direta do marcador 'sim' em Inglês, parece haver, no entanto, algumas construções que permitem manter o valor refutativo-retificativo das sequências em que este ocorre. Tal é o caso das construções de clivagem (acompanhadas, nalguns casos, do verbo auxiliar de valor enfático *to do*) ou ainda de construções de coordenação do tipo *not p...but q...* Não sendo passíveis de ser utilizadas em todos os casos cuja tradução se verifica problemática (cf. (4')), estas construções constituem, no entanto, um bom ponto de partida para uma futura análise de outros recursos ou estruturas para a tradução das sequências em que ocorre este marcador.

## Referências

- Academia das Ciências de Lisboa (2011). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Anscombe, J.-C. & O. Ducrot (1977). *Deux mais en français? Lingua* 43, pp. 23-40.
- Asher, N. & A. Lascarides (2003). *Logics of conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bosch, P. & R. van der Sandt, eds. (1999). *Focus: linguistic, cognitive, and computational perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cartoni, B., Zufferey, S. & Meyer, T. (2013). Annotating the Meaning of Discourse Connectives by Looking at their Translation: The Translation Spotting Technique. *Dialogue and Discourse*, pp. 65-86.
- Ducrot, O. (1972). *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris: Hermann.

- Ducrot, O. (1973). *La preuve et le dire*. Paris: Mame.
- Fisher, K. (ed.) (2006). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam: Elsevier.
- Fraser, B. (1998). Contrastive discourse markers in English. In A. H. Jucker & Y. Ziv (eds.) *Discourse markers: descriptions and theory*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 301-326.
- Geurts, B. (1998). The mechanisms of denial. *Language* 74, pp. 274-307.
- Hedberg, N. (1990). *Discourse pragmatics and cleft sentences in English*. PhD dissertation. University of Minnesota.
- Horn, L. R. (1981). Exhaustiveness and the semantics of clefts. In V. Burke & J. Pustejovsky (eds.) *Proceedings of the Eleventh Annual New England Linguistics Society Conference, November 7-9, 1980*. Amherst, Department of Linguistics: University of Massachusetts, pp. 125-142.
- Horn, L. R. (1989) *A Natural History of Negation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Houaiss, A., M. de Salles Villar & F. M. de Mello Franco (2015). *Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Koehn, Philipp (2005). Europarl: A Parallel Corpus for Statistical Machine Translation. In *The Tenth Machine Translation Summit: Proceedings of Conference*.
- Lopes, A. C. M. (2016). Discourse markers. In W. Leo Wetzels, S. Menuzzi & J. Costa (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, pp. 441-456.
- Marques, M. A. (2000). *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar: a organização enunciativa no Debate da Interpelação ao Governo*. Braga: CEHUM – Universidade do Minho.
- Moeschler, J. (1982). *Dire et contredire. Pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*. Berne: Peter Lang.
- Molnár, V. & S. Winkler (eds.) (2006). *The architecture of focus*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Raposo, E. P. et al. (eds.) (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sanders, T., W. Spooren & L. Noordman (1992). Towards a taxonomy of coherence relations. *Discourse Processes* 15, 1-35.
- Sousa, S. (2014). *Contributos para o estudo da refutação em Português Europeu Contemporâneo*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Srikant, Sarangi & Stef Slembrouck (1997). Confrontational asymmetries in institutional discourse: a socio-pragmatic view of information exchange and face management. In Jan Blommaert & Chris Bulcaen (eds.) *Political Linguistics (Belgian Journal of Linguistics 11)*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 255-275.
- Traugott, E. & R. Dasher (2002). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Van der Sandt, R. (1991). Denial. In *Papers from CLS 27(2): the parasession on negation*. Chicago: CLS, pp. 331-344.

Van der Sandt, R, & E. Maier (2003). Denials in discourse. Paper presented at *Fall 2003 Workshop in Philosophy and Linguistics*. University of Michigan. Disponível em: <URL:<http://web.eecs.umich.edu/~rthomaso/lpw03/vandersandt.html/>>.

## Fontes

EUROPARL (European Parliament Proceedings Parallel Corpus, 1996-2011). Base de dados disponível em <URL: <http://www.statmt.org/euoparl/>>.

CRPC (Corpus de Referência do Português Europeu Contemporâneo). Base de dados disponível em <URL: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-crpc#cqp/> >.

DAR (Diários da Assembleia da República). Base de dados disponível em <URL: <http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/default.aspx/> >.